

acceso de paixão e de ira por arrancarem-lhe a bella de que estava enamorado; a terrível Baleia, desesperada na luta, com suas mulheres furias, nova raça talvez das Amazonas do Ponto Euxino; Gupeva, Sergipe, e outros cheses todos bravos, ornados de pelles, e de immensos rosarios formados de dentes que havião arrancado dos mortos nas suas guerras. O combate do quarto canto é uma dessas scenas horriveis de uma luta do sertão: os versos acompanham a grandeza do assunto, e mais de uma vez o leitor pasma com a sublimidade da idéa.

O poeta nos dá uma exacta notícia do que é o selvagem no deserto, dos seus preparativos de guerras, e do contentamento que mostrão quando se tem de saciar no sangue do prisioneiro, amarrado ao tronco do sacrificio e ainda assim cuspindo ameaças e insultos aos que o incitão e se riem delle. Encarando depois a natureza zoologica e pythologica do Brasil, o poeta descreve muitos animaes e plantas do paiz na exposição que faz o heroe ao rei de França do paiz donde viera.

Estancias lindissimas acompanham-no quasi sempre em suas descripções Americanas: nem que somente lhe vibrasse a lyra quando tratasse das cousas patrias.

Um dos episodios mais elogiados do *Caramuru* é o de Moema. Enamorada no ultimo ponto por Diogo Alvares que se ia a partir, ella atira-se ao mar para seguir-o, e apegá-se ao leme; mas faltão-lhe as forças, desce, e remontando outra vez em uma onda balbucia o nome do seu amante, e morre. Era um triste exemplo dessas tantas que sacrificão-se pelo seu amor, como o penitente que se deixa morrer aos pés da imageim, quando lhe passa pela idéa de que a sua missão neste mundo já está cumprida, e que deve começar a do céo.

A.

(Continúa.). *nao
frag. 107.*

VISÃO.

Um soído rouquenho me passou pelos ouvidos, como o baque de um rolo de espuma que se esfarelasse nas pedras—era a tempestade que corria, revolvendo o plaino undozo do oceano, estalando os troncos das montanhas, assobiando pelas paredes rotas de castellos caídos. Um fuzil lampejando instantaneo, alumiu a scena, aonde os elementos em furor ião representar o drama da devastação—era a lampada do coveiro a broxulear no cemiterio entre tumulos arruinados, caveiras ennegrecidas e sudarios rotos; e vi...á luz do fuzil—esse pharol da tempestade...

Era uma figura hedionda, inquietaria mais pavor do que o phantasma que fallou a Bruto na vespera do combate; um rochedo solitario e fragoso lhe servia de throno, de pedestal cardos e espinheiros que lhe cresciao na base, tinha o rosto macerado e osseu, talhado por longas e aprofundadas rugas, e por coberta uma tunica negra a engastar-se no sombrio da noite, tremulando ao açoite do tufão, como as franjas da mortalha do morto, ao passar da viração que se enfia pelas naves escuras.

A ventania que voava compellindo as nuvens, levava longe o echo estrugidor de sua voz :

—Tenho o meu domínio na terra, sou rainha! impero e mando! assento-me nos thronos acoitada na purpura; farto-me no banquete do cortezão, deito-me em seo leito dourado, no damasco dos salões e moro eterna no seu labio falsario; inspiro o lance impetuoso do tribuno quando se precipita arrojado, o estandarte sanguento da revolta em punho, concitando as massas a se agruparem em torno:—quando brame a tuba da matança—eu tenho um echo, quando as filas rareão e os pelejadores tombão—é que eu manejo um ferro, quando a avidez atiça os vencedores á rapina, manchando de ignominia os louros do triunfo—é que meu braço se volve! da virgem colorida de pudores, sou eu que lhe passo na voz tremula e alquebrada a desfalecer no labio acalorado de desejos, que lhe fallo pelo languido olhar humedicido de pejo, que lhe escrevo as juras bem depressa apagadas como as tintas de um quadro antigo desbotado pelo pó; da prostituta you-me apoiar á cabeceira, passeio-lhe nos rizos corrompidos, estalo-lhe nos beijos, accendo-lhe os olhos impudicos, estreito-lhe os abraços, asperos e duros como o metal que os compra; entranho-me pelas ruas lamacentas, revolvo a lia das cidades e encosto-me á ombreira da granja do pobre, cresto-lhe os sentimentos até o extremo da raiz e lanço-o a esmo pelo mundo a esmolar pela porta dos ricos o residuo das mezas, como esmolava o Judeu a caridade dos crentes.

Sou rainha—tenho um solio que os furações do tempo não abalão, tenho vestes que os povos nas convulsões de seus cataclysmos não romperão, tenho um nome que a mão do esquecimento não apagou do livro das gerações! Sou tão velha como o mundo—na lingua da serpente que fallou aos desterrados do Eden eu passei; na primeira palavra do homem existi: digão-no os Magos das planicies do Nilo, quando illudião o povo correndo-lhe o véu de ignorancia nos olhos, para que nunca visse a luz da sciencia, para que fosse sempre instrumento facil á ambição da theocracia enthronisada; falem os Chaldeos que dão

cimeira de suas torres, lião á multidão passada a sina que elles soletravão á noite no brilho das estrellas; contem-no os Oraculos dessa terra alfadada da Grecia, quando os guerreiros na hora da partida ião ouvir da boca desses idólos mentidos a decição das pelejas; digão-no os augurios da Roma pagã que desvendavão o futuro nas entranhas das victimas, que escrevião os dias faustos e calamitosos da Republica com o sangue dos sacrificios; digão-no se não era eu que lhes doirava os labios quando fallavão ás gentes.

Sou rainha!—tenho uma coroa nas borras cas que me topetão a fronte,—um throno no rochedo em que os raios estalão,—uma alcatifa no mundo que hei grafilado com meus pés, corteja-me o mar no embate embravecido, os tufões me saudão quando passão!.

Calou-se.

Ainda reboou por muito tempo a sua voz, até que por ultimo se foi adormecer no fragor dos elementos, que lá ião de vencida varrendo a terra com a cauda balançada pelo bulcão.

De repente uma nuvem branca circundada por uma aureola de luz, que a fazia fulgir na escuridão, como um santelmo no meio da noite, baixou serena como se fosse por uma bella tarde de estio, quando a ave se despede do sol em melancolico hymno. Trazia ella uma virgem, era o perfume da flor, que passava na briza da alvorada, era um destes seres que nunca pizão a terra, que só habitão o céo, que se sonha a derramar nas cordas da lyra, e que nunca se encontrão no tumultuar das festas, ou no bulício dos bailes! a innocencia brilhava-lhe nos olhos, como o orvalho ao beijo da madrugada, tinhão mais lustre suas tintas que as nuvens cor de roza, que no crepusculo cortejão o sol quando se deita; era uma flor transplantada do Eden—a filha dilecta de Deos!

O phantasma estremeceo—e a virgem falou. Era a corda da virgindade que tangia pela primeira vez á pressão do cantor:

—Sou rainha! foi Deos que me enviou; tenho o meu assento no céo, e inspiro na terra a creatura; fallo nos sorrios da infancia, que não sabem se esconder nos refolhos da mentira; fallo no canto da virgem onde traduz-se a castidade em uma nota suave; fallo nos conselhos do ancião, com sua fronte branqueada de cans, sellada pelos annos a captivar respeitos; corro nos labios murchos do moribundo, quando balbucia a prece de agonia, com os olhos firmados no crucifixo; vélo á banca do philosopho, alento-lhe a luz do candieiro, guio-lhe a mão no pergaminho; banho-me nas harmonias do vate quando a sua lyra é sagrada e a inspiração lhe vem do alto!

Tenho um poder que não ha outro: do d'ocel da realeza eu desço a visitar a tenda do operario; da meza dos grandes que tem honra, eu corro á enxerga dos pobres que tem timbre; dos salões onde folga a virtude, girando ao excitamento da muzica, me passo ao leito das agonias onde a probidade se mingoa aos apertos da morte! No painel do tempo tenho meu nome estampado—que o revellem os séculos; nos monumentos do povo tenho encravado meus faustos—que as gerações os venerem; no templo da sciencia tenho uma luz fulgurante—que os sabios o digão; nos altares do christianismo eu coloro as imagens—que os adoradores se prostrem!

E's tão velha como o mundo, eu sou mais antiga ainda do que elle porque vivo no seio do Senhor; o Decalogo da raça de Jehovah, recebido no Sinai entre mil raios, fui eu quem o dictei; na Grecia, Aristides e Epaminondas me adorarão; em Roma, os Fabios e os Fabricios me fallarão. Eu represento a idéa que alevantou o lenho no Golgotha, foi por mim que o Redemptor vestio o celicio do martyrio, e purpureou com seu sangue abençoado o trilho do Calvario; em quanto tu representas o beijo traiçoeiro de Judas!

Sou rainha!—tenho o meu throno nas nuvens; nas estrellas uma coroa fulgente; nas flores da terra um tapete embalsamado; as aves me traduzem as harmonias do mundo, as auras contão-me os segredos do céo, beijame o sol quando descamba, embalão-me as brizas quando durmo!

A voz esvaió-se lentamente, como o som de uma tecla de piano que se partisse.

O phantasma se levantou medonho. Ia fallar—e n'isto a tempestade arrebentou as ultimas cadeias que a continhão e o monstro tremeu, vacilou e cahiu rodando com horrisono fragor, pelo invio dorso da montanha, rasgando-se nas sarpas agudas do granito!

A virgem, como amparada da tormenta por uma barreira de bronze, alou-se ao céo em sua nuvem diaphana, como a penha branca do cysne que o vento passeia nas alturas!

O phantasma negro—era a mentira.

A virgem candida—a verdade.

A tempestade—era o sopro de Deos!

F. Xavier da Cunha.

Chronica Academica.

E' a segunda vez que damos á luz a nossa Chronica, e já temos de escrever em suas páginas um periodo negro, registrando um acontecimento funesto.

Ainda uma vez veio a morte assentar-se em nosso lar e enlutar-nos o coração, arreba-